

RESENHAS

Desencantos mínimos é o primeiro livro do poeta Ricardo Pedrosa Alves. Um livro de leitura difícil. Sua poesia é impermeável, oblíqua, esquivada. Primícias de um poeta em exercício.

O autor prefere orientar o trabalho criativo pelo princípio da desarticulação do discurso poético. Opta por uma sintaxe fragmentada, por um léxico luxurioso, por neologismos e combinações vocabulares inusitadas, por ritmos desesperadamente irregulares. Há um desejo obsessivo de obscurecer os sentidos. A poesia surge entrevista no fraturamento da espinha dorsal da própria poesia.

Revela-se ao longo do volume um contundente desdém por tudo o que se aproxime em demasia do rigor construtivo. Nenhum sentido de proporções e simetrias, versos imensuráveis, dicção retalhada, recusa de eufonias. A poesia passeia pelo aleatório, pelo improvisado, pelo imprevisto.

Ricardo Pedrosa Alves tem um grande prazer em espicaçar a linguagem, desdomesticá-la, reconduzi-la a um estado de pura selvageria.

inevitável mais desejos

Tudo o que girassóis vêm nascendo
mais cedo que reluzem o pó de tudo,
prevê-se, cilícios em que o medo se escarlate
nas cócegas de nunca arder
Vida de escandir ondas nos vincos dos dedos
e ilfadas para a pele
Ser na berlinda entrepistas
de morenas taífas pitonissas:
fúlgido agouro tatuado, cada luz
de palavra rompendo nada o osso,
caldos de mais-cores banhando
a pele-escorpião
Agora faina no fluxo-gêiser verbo e tal
versejo e tal até que daí
erupção o sumo o suco podre das significações,
verseja-se, cábula das semelhanças,

fedendo realismos ismos
Tudo o reluzem, vinde nascente
mais ouro cedo do sol:
na tua luz que, ei-las, asas
saem caudalosas
em flagrante flamância

O “fluxo-gêiser”, a “erupção”, as “asas” que “saem caudalosas em flagrante flamância”, entre outras possíveis imagens, são as metáforas do processo de formação desta escrita. Propõem toda uma simbólica dos elementos. A poesia vem das entranhas da “terra”, abre-se em direção ao alto, como a “erupção” da lava (“terra”+“fogo”), como o jorro das águas quentes de um “fluxo-gêiser” (“água”+“fogo”), como as “asas” abertas “em flagrante flamância” (“ar”+“fogo”). Vem como um ímpeto, um fluxo, um descontrole. E dominando toda esta simbólica, a imagem onipresente e condutora do “fogo”.

O “fogo” atravessa todo o livro. Dá título a uma de suas partes: “O fogo amordaça”. Está presente no título de vários poemas: “A Loucura do Lampadóforo”, “Fósforos”, “o frágil do sol”, “Agora Fogo Mordido”, “Sol Lá Rangendo”. É elemento semeado de diferentes modos no corpo dos poemas.

Mas o “fogo” aqui não surge na sua forma positiva e controlada, a da “luz” que retira os objetos, os seres, os valores da mais profunda obscuridade. Certamente não é a “luz” como metáfora da razão o que se evidencia. Na verdade é o contrário disso, um mergulho tenso na própria irracionalidade. E nessa vereda, talvez a “luz” se queira iluminação poética. Iluminação instantânea, a que pode se seguir a dissolução do poético. O “fogo” desta poesia, pelo seu excesso, pode cegar os olhos. O “fogo” aqui dissolve, destrói. O “fogo” é furor e loucura. Alumbramento e desvario.

O poeta brinca com o fogo, sem parecer temer os riscos do seu uso abusivo. A poesia é súbita combustão, ilumina intensamente e desaparece. Um fósforo riscado que cintila durante alguns segundos e logo já não é mais que um mínimo resquício de cinzas. Explosão de sóis a que se segue o negrume do labirinto.

Na poesia brasileira, a vertente a que parece se filiar Ricardo Pedrosa Alves não é vertente dominante. Há fortes traços de parentesco com o primeiro Ferreira Gullar, o de *A luta corporal*, que em poemas como “Roçzeiral”, “O inferno”, “Finda o meu sol”, “Negror n’origens” acaba por avançar num estraçalhamento da linguagem poética que chega às raias do insuportável. Gullar, aliás, é um dos poucos criadores citados explicitamente no livro.

Essa sensação de se estar diante de algo insuportável atravessa a leitura de *Desencantos mínimos*. O desregramento verbal é excessivo. O que a princípio surge como vitalidade criativa, impulso poético vigoroso e incontido, acaba se transformando em incontinência verbal, viscosa verborragia. Mas Ricardo Pedrosa Alves tem tempo e talento para temperar melhor a lira.

Dentro de uma tradição poética que substituiu a afetividade romântica fácil pela coloquialidade irônica modernista (e que muitas vezes casou, bem ou mal, as duas), ou que ainda, nos momentos de maior experimentação, optou pela objetividade, pelo controle racional e construtivo, a poesia de *Desencantos mínimos* certamente parecerá bastante impertinente.

Marcelo Sandmann

BESSA-LUÍS, Agustina. *Alegria do mundo I*: Escritos dos anos de 1965 a 1969.

Lisboa: Guimarães, 1996, 284 p.

Ao longo de 1996 a ficcionista portuguesa Agustina Bessa-Luís brindou seu público com três obras: o romance *Memórias laurentinas*; o diálogo feito para o último filme de Manuel de Oliveira, *Party – garden-party nos Açores*; e *Alegria do mundo I*, que como anuncia o subtítulo, reúne escritos dos anos de 1965 a 1969. É sobre o último que me deterei.

Os textos reunidos não são de ficção e tanto o fato de a maioria deles ser datada como a sua brevidade levam o leitor a identificá-los como crônicas que foram publicadas em jornais, mas há também textos de maior extensão e mesmo alguns sem data, que podem bem ter sido apresentados em algum encontro ou simpósio ou terem permanecido inéditos até a publicação do volume. Qualquer das hipóteses permanecerá sem ser confirmada ou contrariada: nenhuma nota introdutória esclarece sobre a origem dos textos, o critério de sua seleção ou mesmo aponta a quem imputar a responsabilidade do arranjo final que nos é dado ler. Mas desses defeitos também padecem outras obras similares da Autora, como *Conversações com Dmitri e outras fantasias* (1979) e *Aforismos* (1988).

Todavia, a preciosidade dos textos compensa em muito essas faltas de que podem se ressentir o estudioso da obra ou o leitor exigente de referências

precisas. Sua leitura revela um vasto leque de acontecimentos os mais diversos, impressões de viagem, associações que evocam recordações, filmes, livros, enfim, todo universo que provoca o interesse e merece a atenção inteligente de Agustina Bessa-Luís: é o cinema de Pasolini e Antonioni; *Bonnie and Clyde*; o teatro de Peter Weiss e Edward Albee; o balé de Nureyev; os escritos de Sartre, de Kafka, de Kleist; impressões de viagem por terras de Espanha e Itália; lembranças “de prodígios da infância que a carreira da ficção não consegue superar”; assuntos circunstanciais como as festas natalinas e muito mais.

A perspicácia com que é tratada a diversidade de assuntos garante a atualidade do seu interesse; são textos que resistem à leitura, passados já cerca de trinta anos de sua produção e talvez esse tenha sido o critério de sua seleção.

Para quem nunca leu Agustina Bessa-Luís, *Alegria do mundo* é uma bela apresentação de sua prosa, onde o humor segue de braços com a erudição do melhor humanismo que lhe é peculiar. “Biografia moral da Autora”, chama-lhe com justeza o Editor, no texto da quarta capa. Nesse sentido “Inferno revisitado”, de 1965, a propósito do Simpósio Internacional de Cardiologia Preventiva acontecido em Florença, e “Da condição da mulher”, de 1967, constituem uma apresentação inesquecível e surpreendente das idéias agustinianas.

Mas o livro revela surpresas para o leitor que lhe frequenta a vasta obra: é possível identificar a semente que depois se transformará em textos de maior fôlego: é o caso de “Inês posta em sossego”, de 11/11/65, retomada nas *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983); ou de “Fruto de amargura”, de 10/11/66, em que discorre sobre o judeu livre-pensador, Uriel da Costa, protagonista de *Um bicho da terra* (1984). Além desses, há outros escritos cujos personagens migraram para outros textos, como Maria Helena Vieira da Silva ou Filipe II de Espanha, vindo a confirmar o que um dia disse Eduardo Lourenço da obra de Agustina: uma grande tapeçaria cujo desenho não tem centro. Não é possível calcular o tempo de gestação de suas criações. Nunca se sabe onde começa e acaba sua criação, pois os escritos se iluminam reciprocamente. Mas fica muito patente como é proximidade da vida que confere à sua produção a aura de autenticidade que caracteriza. Servem aqui as palavras com que termina seu comentário ao filme *Bonnie and Clyde*: “Os dois momentos definitivos de Bonnie e Clyde são o da história e o da experiência. A primeira prova, a segunda poetizar – e só a segunda, como sempre acontece, é a que verdadeiramente influencia.”

Resta a promessa de continuidade de reunião e publicação de esparsos e com ela a certeza de que outras surpresas nos aguardam.

Anamaria Filizola

FERREIRA, João. *A questão do pré-modernismo na literatura portuguesa*.

Núcleo de Estudos Portugueses, UnB, Brasília, 1996.

“Há ou não há um pré-modernismo literário em Portugal?” Tal é a questão central deste livro do Professor João Ferreira, em cujo prefácio o próprio autor diz ter a intenção de promover um debate renovado acerca de vários dados adormecidos nas bibliotecas portuguesas. São assim apresentados dezoito subtemas literários, históricos e políticos sobre o período que abrange o final do século XIX e o início do século XX, no qual predominaram manifestos e artigos em Revistas especializadas, todos indicando que uma nova estética já se delineava nas letras portuguesas, estética que se configuraria no movimento de Orpheu (1915) dando origem ao Modernismo em Portugal. Que houve essa intensa “fermentação” propiciando o advento do movimento literário não é, para os estudiosos da área, novidade. Nesse particular, a grande contribuição do estudo do Professor João Ferreira é a de apresentar *como* se deu essa “fermentação”, em que aspectos e sobre quais filosofias e ideologias apoiou-se, utilizando basicamente dois parâmetros críticos para tanto: a concepção temporal de anterioridade e a antecipação de elementos estéticos, temáticos e formais abraçados ou desenvolvidos pelo modernismo posterior. Em todo os os artigos (capítulos) o leitor encontrará questões novas que o incitarão à reflexão inicial pretendida pelo autor, iniciando com a questão da periodização, abordando em seguida os marcos de identificação utilizados pela geração de Orpheu, como base da estética modernista, e, na seqüência, identificando autores, ensaístas, filósofos e as correntes vanguardistas que assim se apresentaram na estruturação da literatura de início do século XX. Ressaltamos os artigos (capítulos) referentes à análise da evolução literária de Mário de Sá-Carneiro e de Fernando Pessoa em toda a sua rica trajetória de busca e de experimentação, até a configuração da poética que os coloca como mestres da dinâmica psicológica e estética em poesia na literatura portuguesa. Importante e relevante é também a bibliografia de 469 títulos sobre o período pré-modernista português, na qual professores, alunos e estudiosos poderão encontrar diversificados subsídios para as suas pesquisas.

João Ferreira é atualmente professor da Universidade de Brasília e da Universidade Católica de Brasília e sua atuação acadêmica, sempre dinâmica e questionadora, inclui o exercício da chefia do antigo Departamento de Letras e Linguística da UnB e a Coordenação do Curso de Mestrado em Literatura.

Tradutor, consultor e membro de vários conselhos editoriais, possui cerca de duzentos trabalhos publicados entre livros e artigos em revistas, enciclopédias, antologias e jornais. *A questão do pré-modernismo na literatura portuguesa* é, sem dúvida, sua mais recente e relevante contribuição para a questão sempre abordada, mas, de fato, até então, pouco embasada sobre a literatura do período de cerca de trinta anos precedeu o advento do Modernismo português.

Sylvia Helena Cyntrão

MARTINS, Luciana. *Lapidação da aurora*.
São Paulo: Giordano, 1996, 53p.

Lapidação da aurora é o livro de estréia de Luciana Martins. Trinta e seis poemas curtos, que se espriam por cerca de cinquenta páginas, de literatura fluente e comunicação imediata. Poesia em que o lirismo subjetivo é a tônica, seja pelo viés da temática amorosa, seja pelo da reflexão existencial.

O amor é o tema de toda a primeira parte, intitulada justamente “Amar”. Já no belo texto de abertura, “encantamento”, primeira estrofe, a autora explicita seu desejo de se filiar a esse veio dominante da poesia de todos os tempos: “aflora da palavra / um campo sedutor / onde planto novamente / o dizer do amor”. E o amor vai ser “dito” nas suas diferentes vivências, do simples encantamento com a beleza masculina (em “feitiçaria”, por exemplo), às indagações advindas do envolvimento emocional aprofundado e dolorido (em “questões”); da afetividade singela em torno à rosa recebida (em “lembraçinha”), ao erotismo mais fortemente explícito (em “Teseu”, com se percebe já desde os primeiros versos: “teus dedos, / penetrando de saída / os meus dédalos escuros / (...)”).

Dentre estes, transcrevo integralmente “lembraçinha”, cuja simplicidade aparente esconde um controle preciso do ritmo poético, de verso para verso, de estrofe para estrofe, e uma curiosa passagem da motivação circunstancial inicial às inusitadas indagações acumuladas a seguir:

lembrancinha

ele me deu a
rosa enfiada
num plástico decorativo

– a rosa em si
já não seria o enfeite?

rosa....

o que é uma rosa,
Gertrud?

A segunda parte de *Lapidação da aurora* se intitula “Vagar” e traz poemas que, para além da experiência amorosa, tratam de outras variadas vivências do sujeito, da sua afirmação algo arrogante diante da vida e do tempo (em “poder”, por exemplo), ao quase naufrágio diante do revés e da dor (em “pessoando”, ou ainda em “poema arruinado”). Mas de todos os textos desta segunda parte, o que me parece melhor realizado, quer pelo fôlego mais abrangente do discurso, quer pelo que revela de resumo maduro do que há de vida fragmentariamente experimentada ao longo dos outros poemas, é este belíssimo “manhã”, último do livro, de onde a autora extraiu, aliás, os termos que dão título ao volume:

manhã

Me recolho fatigada
com o peso de um mundo fatídico.
Amanhã acordarei resplandecente,
inebriada pela leveza dos lençóis
que me envolvem o corpo (essa minha proteção).
E, ao olhar pela janela de meu quarto,
vislumbrarei a auréola embranquecida
que envolve os edifícios e as casas,

a auréola de doçura que envolve os homens.
Diante dessa paisagem matinal nada farei,
a não ser a lapidação, trabalhosa e realizadora,
da aurora.

Mas nem sempre a poesia de Luciana Martins mantém o nível dos textos transcritos, a meu ver alguns dos seus melhores. A tendência ao poema curto e de versos inclusive muito curtos (há poemas de dois, três, quatro versos, e de versos com uma única sílaba ou palavra) revela um desejo de concentração poética, tendência hegemônica na poesia brasileira contemporânea, mas dá espaço para soluções por vezes um pouco fáceis, carentes de maior fôlego e inspiração. É o caso de “correio elegante” (“meu deselegante amor / desfila bambo / pela passarela de teus olhos”), ou ainda do poema-definição “disfarce” (“lado oposto: / único lado /exposto /de mim”), para citar dois exemplos.

Percebo também um deleite algo amaneirado na exploração de sonoridades e jogos de palavras entre alguns versos. Em “Teseu”, pode-se ler a certa altura: “(...) /teus dedos, traquinas, /com sua massagem/– mensagem – / dobraram minhas esquinas, /fizeram em mim/a Viagem”. São muito duras as rimas e algo impróprio o léxico, além de o jogo entre “massagem” e “mensagem”, pelo que traz de referência intertextual, ser de gosto duvidoso. O mesmo se poderia dizer de alguns dos versos do poema “pessoando”: “fraquejo, gaguejo /e nada vejo/diante de mim /que acabe o dardejo/ do mundo:/ (...).”

Mas são lapsos que os instantes mais maduros de Luciana Martins acabam por ocultar e o trabalho poético irá corrigir. O poema “manhã”, acima transcrito, fecho de ouro do livro, pode estar indicando, como numa antevisão enigmática e radiosa, o futuro caminho da sua poesia: “Diante dessa paisagem matinal nada farei/a não ser a lapidação /trabalhosa e realizadora /da aurora”.

Marcelo Sandmann

ABRAMOVICH, Fanny. *Ziguezagues*.
MACHADO, Ana Maria. *Esta força estranha*.
ORTHOFF, Sylvia. *Livro aberto*.
PAES, José Paulo. *Quem, eu?*
São Paulo: Atual, 1996.

Que importância pode ter uma autobiografia, além de repetir em palavras a existência de um ser humano? Grafar a vida equivale apenas a dar um depoimento sobre o já vivido? Representará um desejo de permanência após a transformação do corpo em cinzas? Biografias são escritas para se converterem em modelos de comportamento, de pensamentos, de decisões? Documentam no escrito o desejo do biografado de ser acreditado como testemunho da história, do tipo “meninos, eu vivi”? Ou não passam, essencialmente, de gestos megalomaníacos, tentando distinguir-se dos mortais anônimos?

A coleção *Passando a Limpo*, da Editora Atual, coordenada por Vivina de Assis Viana, é composta até o momento por quatro biografias de artistas que também escrevem para crianças e jovens, a saber: Sylvia Orthof, Fanny Abramovich, José Paulo Paes e Ana Maria Machado. Nos prefácios, Vivina Viana esclarece a intenção de atingir leitores em sala de aula ou no aconchego de sua casa, como se o texto fosse uma conversa amigável entre o criador e seu leitor a respeito da trajetória vivida entre livros e gentes e o processo de criação literária.

Na verdade, esses depoimentos, assim como a literatura de boa qualidade para crianças e jovens, interessa e encanta leitores para além de faixas etárias estreitas ou do estreito ambiente escolar. O que apreendemos, na leitura dessas biografias, é o processo vivido por um ser humano que coletivizou, por meio de sua arte, o pendor, o gosto, o prazer e uma sabedoria, construídos por sua subjetividade.

Cada um dos quatro volumes publicados tem título e estilo próprio, de vez que o biografado assume a condução do texto e o resultado final foge a formatos fechados. Essa opção torna a leitura muito mais agradável e recheada de surpresas, causadas não apenas por confissões mas sobretudo por um rico material iconográfico, desvendador de feições, gestos e figuras que ficaram no passado.

O caráter de conversa amigável, contudo, se esvai diante da antipática ficha de leitura que acompanha todos os volumes. Se vamos conversar, por que

o leitor precisa prestar contas, por escrito, desse diálogo? Se tal procedimento vigorasse em nossas relações cotidianas, adeus amizades!

Entretanto, mesmo essa cobrança não consegue roubar o prazer de ler/ouvir os quatro autores relatarem seu passado e suas convicções.

Sylvia Orthof denomina sua conversa *Livro aberto: confissões de uma inventadeira de palco e escrita*. Nela reencontramos *Memórias zoológicas* e *Se a memória não me falha*: a irreverência, a autocrítica, a agilidade narrativa, o ludismo e, como não poderia deixar de ser, o humor, que conseguem transformar acontecimentos dramáticos, como sua passagem pelo DOPS e os embates com a censura, em cenas provocadoras de um riso amargo.

Ela encara o ato de biografar-se com “um prazer infantil em poder pular amarelinha na calçada da memória” (p. 29). Consciente dessa busca da alegria, que a faz deixar de “falar das coisas tristes, as chateações, os desencontros”, cria lacunas intencionais em seu depoimento. Numa atitude de cumplicidade, deixa ao final uma página em branco para que o leitor imagine o que ela deixou de contar, concluindo com uma paródia a Shakespeare: “o resto é vida”.

Em *Ziguezagues: andanças de uma educadora e escritora*, Fanny Abramovich constrói com método, cronologia linear e detalhes a trajetória de suas múltiplas atividades com a palavra, a arte e a educação. Nela ganha cores e formas sua passagem pelo teatro.

Mereceria um estudo de fôlego a relação que os escritores de obras para crianças e jovens mantiveram (e mantêm) com as demais artes, em especial o teatro. Nesta coleção, apenas José Paulo Paes não menciona haver desenvolvido alguma atividade teatral como ator ou como dramaturgo, embora se tenha dedicado à música, arte tão afim com a poesia. Já sabemos do envolvimento bastante intenso de Sylvia Orthof, de Fanny Abramovich, de Ana Maria Machado, de Lygia Bojunga Nunes, de Flávio de Souza. E tantos mais... Como se dá a passagem do palco ao livro? Onde residem as afinidades? Enfim, não faltariam questões – e respostas – na sondagem a essa familiaridade de linguagens.

Voltando a *Ziguezagues*, a minudência das informações permite ao leitor reconstruir a imagem de educadora e escritora que Fanny Abramovich, com dedicação e seriedade, foi desenhando ao longo de sua vida. E que vida! Trabalho, competência e firmeza de princípios podem ser conhecidos pelo que ela diz neste depoimento, além do que já nos fora dado descobrir em seus livros. Sobre a feitura deles, principalmente dos ficcionais, é que esta biografia é enriquecedora. O processo de criação de um novo texto é mostrado em seus bastidores. A protagonista deste espetáculo verbal transporta o leitor além das coxias, para dentro do camarim onde se dá a transformação da mulher-educadora e multileitora na mulher-escritora de multitextos para plurileitores.

O poeta José Paulo Paes se autoproclama “um poeta como outro qualquer” no subtítulo de seu depoimento *Quem, eu ?* Na interrogação e no assumir uma atitude de surpresa e de humildade, anunciam-se as páginas em que um verdadeiro poeta (e um poeta verdadeiro) narra com excessiva e injustificada modéstia a origem, o amadurecimento e a glória da poesia e de seu escritor-poeta.

Na justeza de sua linguagem, nos belos exemplos poéticos que recheiam o texto, na confissão sem pedantismo dos êxitos da carreira artística e humana, o poeta conquista o leitor. Um capítulo desperta particular interesse; é intitulado Curitiba e conta a estada do poeta na cidade durante os quatro anos em que cursou o Instituto de Química do Paraná. Nele, José Paulo Paes narra o envolvimento com o grupo de “jornalistas, escritores, artistas plásticos, músicos, comunistas e pequenos corretores” sediados no Café Belas-Artes, na Rua Quinze de Novembro. Entre conversas e aprendizados, o poeta amadurecia.

Capítulos preciosos, como “Alforria” e “A outra casa”, são dedicados à criação de sua obra mais recente. Neles vêm à tona os subterrâneos da criação de parte de sua obra dedicada ao público infantil e a relativa à sua primorosa atividade de tradutor.

Ana Maria Machado, no quarto desses volumes, vai buscar em Caetano Veloso o mote de seu depoimento: *Esta força estranha*, subtítulo “trajetória de uma autora”. Para mim, duas palavras podem definir este volume: coerência e emoção. Coerência entre vida e obra, entre obra literária e depoimento, entre o amor à língua portuguesa e o tratamento amoroso da narrativa biográfica, entre a paixão por livros e uma produção literária que já legou tesouros à história da arte da palavra no Brasil, como “De olho nas penas”, “Bisa Bia, bisa Bel” e “O canto da praça”.

A estrutura deste depoimento é um conagraçamento com as artes da palavra e da musicalidade, já em seu sumário. Os capítulos se intitulam “Ora, direis, ouvir histórias”, “Primeiras histórias”, “Felicidade clandestina”, “A palavra escrita”, “A palavra chama” e “Como uma onda no mar”. Nessa constelação intertextual brilha, maiúscula, uma vida dedicada a amadurecer leitores para a beleza, para a felicidade – e o drama – de existir, para a força da palavra escrita.

Sentimos na autobiografia de Ana Maria Machado uma ruptura com os limites entre a história e o inventado, entre a realidade e o mito, entre o acontecido e o recriado. Vovó Neném e vovó Ritinha são pessoas e personagens: nos encantam pelo modo de ser e nos emocionam pela visão amorosa da neta escritora. Lamentamos não ter sido adotados por elas, pessoas fascinantes como caixinhas de música, álbuns de velhas fotografias e histórias ao pé do fogo.

A escritora nos conduz nesta viagem pelo seu tempo com uma narrativa segura, fruto de memória privilegiada. Atravessamos com ela períodos festivos da história cultural do país e momentos tormentosos em que “falar de amor e de flor / é esquecer que tanta gente / está sofrendo tanta dor”, versos de Guarnieri em *Arena conta Zumbi*. Lemos a história da ascensão e glória da literatura para crianças no Brasil. Aprendemos as asperezas e os prazeres da criação literária.

Aprendemos sempre: sobre o descompasso entre a clareza de conceitos e a obscuridade da língua, o que cria uma forma de opressão social; sobre o ofício de escrever; sobre o papel da crítica; sobre os limites tênues existentes em narrativas para adultos e para crianças; sobre a generosidade da palavra escrita. E muito mais...

Num fragmento dessa biografia, Ana Maria Machado sintetiza sua visão do próprio processo de escrever e que, por extensão, define também a essência do que revelam esses quatro volumes da coleção *Passando a Limpo*:

(...) constato que escrever, para mim, se liga a dois impulsos. O primeiro é uma tentativa de fixar uma experiência passageira e, assim, viver a vida com mais intensidade, apreender nela aspectos que me passavam despercebidos, compreender seu sentido. O outro é a vontade de compartilhar, de oferecer aos outros essa visão e essa compreensão, para que de alguma forma isso fique, para que minha passagem pelo mundo – ainda que efêmera – não seja inútil. (p. 66)

Ela não apenas responde às questões iniciais que propusemos como estilhaça todos os argumentos que afirmam a inutilidade da literatura, fortalecendo o leitor e a escrita. Bela coleção.

Marta Morais da Costa